

O conceito de gênio na filosofia

Erinaldo Sales*

RESUMO

Este ensaio trata da questão do gênio em alguns dos maiores filósofos alemães: Kant e Nietzsche, e a passagem de um para o outro, intermediada por Hegel e Schopenhauer. O enfoque será nas obras *Crítica do juízo*, *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e os fragmentos de Nietzsche, além de *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer e o *Curso de Estética*, de Hegel. *Os Fragmentos do Ateneu*, de F. Schlegel e outros, também serão utilizados na discussão da questão do gênio.

Palavras-chave: gênio; genialidade; Kant; Nietzsche.

ABSTRACT

This essay deals with the question of the genius in the work of some of the greater German philosophers: Kant and Nietzsche, as well as with the passage of one to the other, intermediated by Hegel and Schopenhauer. It will focus on the "Critique of judgment", "Human, all too human", "Dawn" and the fragments of Nietzsche, also in "The world as will and representation", of Schopenhauer and the "Course on Aesthetics", from Hegel. "The Fragments of the Atheneum", by F. Schlegel and others, will also be used in the discussion of the subject of the genius.

Key-words : genius; geniality; Kant; Nietzsche.

*. Mestre em Teoria da Literatura; UnB.

Introdução

Ao contrário do que a tradição consagrou, por meio da literatura de *As mil e uma noites*, com a história de Aladin e sua lâmpada, gênio não é somente aquele personagem que mora numa lâmpada e realiza três desejos a quem a esfregar. O gênio dos filósofos é muito diferente. O gênio desta que a tradição consagrou corresponde mais ao daimon grego, o qual não é necessariamente o demônio, como a tradição católica fixou.

Na filosofia, a questão do gênio e da genialidade é tratada principalmente no âmbito da estética e da filosofia da arte. Platão e Aristóteles são freqüentemente citados como e precursores da questão.

Para Platão, a teoria do gênio se expressa na doutrina da inspiração como loucura divina (*Fedro* 244A e ss). Encontramos referência ainda em Platão no *Íon*, por exemplo, quando Sócrates trata, indiretamente, da questão do gênio como um ser “possuído”

Sóc.: Sabes estão que o próprio espectador é o último dos anéis de que eu falava, a receber o poder, sob o efeito da pedra de Hércules, passa de um para o outro (...). E um dos poetas dependura-se de uma Musa e um outro de outra – nós chamamos isso de ‘estar possuído’, o que é quase o mesmo: pois ‘está tomado’ (...). [536, 5b5]

ou ainda, com Sócrates falando a Íon,

Com efeito, não é por técnica nem por ciência que dizes quando recitas sobre Homero, mas parte e possessão divina, tal como os coribantes que só sentem intensamente aquela parte do verso lírico pela qual são possuídos pelo Deus (...) [idem]

Aristóteles, no entanto, afirma que o gênio manifesta-se na doutrina da capacidade inventiva, não necessariamente ‘louca’ ou irracional do criador da arte. Autores setecentistas ora apoiaram-se em Platão, ora em Aristóteles, mas não como meros continuadores das idéias sobre a questão do gênio aliado às doutrinas a respeito da inspiração poética.

Alexandre Gerard, no estudo intitulado *An Essay on Genius*, publicado em 1774, considera que o gênio é equivalente à originalidade; não é, assim, imitação, mas criação de um modelo novo.

Neste pequeno estudo, trataremos da questão do gênio em alguns dos maiores filósofos alemães: Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche, mediada, a passagem de um para o outro, pelos também não menos importantes filósofos Hegel e Arthur Schopenhauer. O enfoque, para tal, serão as obras *Crítica do juízo*, de Kant, e *Humano, demasiado humano, Aurora* e os fragmentos de Nietzsche, *O mundo como vontade e representação*,¹ de Schopenhauer e o *Curso de Estética*, de Hegel. Além dos *Fragmentos do Ateneu*, de F. Schlegel e outros, que também trataram da questão do gênio.

O gênio em Kant

A bela-arte só é possível como produto do gênio.
Kant

No parágrafo 46 da *Crítica do juízo*, Kant começa a tratar especificamente do gênio (Bela arte é a arte do gênio). Ele então nos dá duas definições de gênio:

(1) “Gênio é o talento (dom natural) que dá à arte a regra”, e (2) “Gênio é a disposição natural inata (ingenium) pela qual a natureza dá regra à arte.” (Kant: 1980, 246) assim, há duas características básicas do gênio: talento e disposição naturais daquele que cria uma obra de arte. Kant afirma que a definição de gênio que dá é arbitrária, pois se adequa ao que é vinculado geralmente à palavra gênio, mas, para ele, as belas-artes são necessariamente obras do gênio.

Para Kant, a “arte pressupõe regras”, pois só assim um produto com pretensões artísticas pode ser representado como possível. Porém, não é qualquer regra que permite um conceito de bela-arte, já que esta não pode inventar a regra para si própria. Sem uma regra prévia, não se pode chamar de arte um produto. Quem definirá estas

regras ao produto a fim de que este alcance o status de arte é o sujeito que, com a disposição de suas próprias faculdades, dê as regras à arte, ou seja, que o gênio crie as regras prévias para elevar o produto feito pelo gênio ao patamar da bela-arte.

A partir disto, Kant especifica o que é o gênio:

1) é um talento, de produzir aquilo para o qual não se pode dar nenhuma regra determinada: não disposição de habilidade para aquilo que pode ser apreendido segundo alguma regra; consequentemente, que originalidade tem de ser sua primeira propriedade. 2) Que, como também pode haver insensatez original, seus produtos têm de ser ao mesmo tempo modelos, isto é, exemplares; portanto, eles mesmos não provindo de imitação, têm de servir, no entanto, a outros para isso, isto é, como justa-medida ou regra do julgamento. 3) Que ele mesmo não pode descrever ou indicar cientificamente como institui seu produto, mas que é como natureza que ele dá a regra; e, por isso, o criador de um produto, que ele deve a seu gênio, não sabe, ele mesmo, como se encontram nela as idéias para isso, e também não está em seu poder inventá-las à vontade ou conforme um plano, e comunicá-las a outros em prescrições tais, que os ponham em situação de criar produtos equivalentes (...). 4) Que a natureza, pelo gênio, prescreve, não à ciência, mas à arte a regra; e também isto somente na medida em que esta última deve ser bela-arte. (Kant: 1980, 246)

No parágrafo 47, Kant vem ‘elucidar’ e ‘explicitar’ as afirmações anteriores sobre o gênio. Este deve ser o oposto do espírito de imitação. Aquele que só tem a capacidade de imitar não pode ser considerado gênio. Quem pensa ou inventa por si mesmo ou quem descobre algo novo para a arte ou a ciência ainda não é o fundamento para se ter, nestas, uma cabeça de gênio. Ele dá o exemplo de Newton. Mesmo os princípios da filosofia natural que Newton expôs, “por mais poderosa cabeça que seja requerida para inventar tais princípios”(Kant: 1980, 247), Kant acha que qualquer pessoa pode aprender. Por outro lado, não se aprende a fazer poemas com espírito, mesmo tendo lido ou estudado todas as prescrições da arte poética, e mesmo estas tendo modelos excelentes. E Kant informa a causa dito: os passos dados por Newton são inteiramente claros, podendo ser repassados e demonstrados aos sucessores. O que

não acontece com Homero ou Wieland — poeta alemão contemporâneo de Kant —, já que não se sabe e não se pode demonstrar e nem ensinar o que se passa na cabeça de um poeta, quais os elementos que se reúnem aí para originar o poema. Com isto, Kant distingue especificamente o grande descobridor (Newton) daquele dotado pela natureza à bela-arte (Homero). Este seria, para Kant, merecedor da honra de ser chamado de gênio.

No parágrafo 49, após desenvolver a argumentação sobre ‘as faculdades da mente que constituem o gênio (título do parágrafo), por meio do princípio que “vivifica a alma” — ou seja, a faculdade de exposição de Idéias estéticas —, Kant diz que os poderes-da-mente que constituem o gênio são a imaginação e entendimento. Após desenvolver cada um desses ‘poderes-da-mente’, chega-se ao que se denomina gênio:

- 1° – um talento voltado para a arte, e não para a ciência;
- 2° – como talento artístico, pressupõe-se um conceito determinado do produto, como um fim (entendimento) e uma representação da matéria (intuição), ou seja, uma “proporção da imaginação ao entendimento”;
- 3° – na exposição de Idéias estéticas, o gênio tem rica matéria para que possa representar a imaginação com toda liberdade e espaço para seguir a direção de todas as regras, tendo como objetivo final a exposição do conceito dado;
- 4° – finalidade não intencional, não procurada; liberdade de concordância da imaginação com a legalidade do entendimento, não encontrada em nenhuma regra científica ou imitação mecânica, pois somente é produzida pela natureza do gênio.

Como o intuito aqui é apenas caracterizar o que é o gênio pra Kant, limitar-nos-emos à exposição feita até aqui, pois já basta para podermos confrontá-la com o que é/seria o gênio para os demais filósofos, que veremos mais adiante.

Hegel – O artista

No seu *Curso de Estética*, subtintulado “O Belo na Arte”, Hegel, ao abordar a questão do artista como “terceiro aspecto do ideal”, entra no ‘mérito’ do gênio:

É a imaginação do artista que constitui esta atividade subjetiva criadora, e por isso nos resta falar agora da obra de arte como terceiro aspecto do ideal, mostrar que a obra de arte que faz parte da interioridade subjetiva e que, antes de ser uma realidade tangível e visível, tem de amadurecer na subjetividade criadora, NO GÊNIO e no talento que lhe dão a forma definitiva. [destaque meu] (Hegel: 1996, 315)

Então começa a falar da atividade criadora, subdividida-a em três partes: (i) conceito de gênio artístico e de inspiração; (ii) objetividade dessa atividade criadora; e (iii) definir o caráter da verdadeira originalidade.

No que se refere especificamente ao gênio, Hegel diz que “é um termo geral que não se aplica apenas aos artistas mas também aos grandes guerreiros, aos reis e aos heróis da ciência” (Hegel: 1996, 316). Destacando ainda mais três aspectos a considerar no que diz respeito ao gênio: “A imaginação”, “O talento e o gênio” e “A inspiração”. Para ele, “Arte ou poesia que comecem no ideal são sempre suspeitas, pois o artista deve inspirar-se não no reservatório das abstrações gerais, mas na vida” (Hegel: 1996, 317).

Tratando especificamente do gênio, destacamos três aspectos que caracterizam o gênio para Hegel:

A atividade criadora da fantasia, com o qual o artista consegue dar forma real ao que é racional em si, como se este racional fizesse parte de si mesmo, é que se chama gênio, talento etc. (Hegel: 1996, 318-9)

Gênio é aquele que tem o poder geral da criação artística bem como a energia necessária pra exercer tal poder com o máximo de eficácia. (idem, 319)

O que, em terceiro lugar, caracteriza o gênio, na medida em que este

possui um caráter natural, é a facilidade da produção interior e o engenho técnico exterior de que dá provas em artes. (...) a arte exige sempre, e em todos os casos, longos estudos, constante aplicação, muito grande saber; mas, quanto mais ricos e vastos forem o talento e o gênio, menos esforços se terão de fazer para adquirir a facilidade de que a produção carece. (idem, 321)

Assim, para Hegel,

O verdadeiro gênio logo se torna mestre da técnica exterior da sua arte e aprende a dominar os materiais mais pobres e aparentemente mais impróprios para encarnar e representar as criações íntimas da fantasia. (idem, 322)

Há de se enfatizar ainda que Hegel faz uma distinção entre o talento e o gênio, dando como exemplo de talento um violinista ou cantor, mas “para realizar a perfeição em si própria é preciso ter dons para a generalidade da arte e sentir dentro de si a inspiração que só o gênio possui” (idem, 319).

Transição: Schlegel e Schopenhauer

Contemporâneo de Hegel e Schopenhauer, Friedrich Schlegel também pensou a questão do gênio. No fragmento 16, dos *Fragmentos do Ateneu*, diz ele que

El genio no es, ciertamente, cosa de la voluntad (Willkür), pero sí lo es de la libertad, al igual que el ingenio, el amor y la fe, que en su momento han de llegar a ser artes y ciencias. Debe exigirse genio de todo el mundo, pero sin esperarlo. Um kantiano llamaría a esto el imperativo categórico de la genialidad.²

O que mais chama a atenção neste fragmento é o gênio, segundo Schlegel, como fruto da liberdade, e não de uma vontade arbitrária, devendo ser exigido de todos, “mas sem esperá-lo”. Adiante, no fragmento 59, ao falar da filosofia francesa, diz ele:

El pensamiento favorito de Chamfort, según el cual el ingenio es un sustituto de la felicidad imposible - por decido así, un pequeño porcentaje con el que la naturaleza en bancarota compensa la deuda no satisfecha del bien supremo -, no es más feliz que aquél de Shaftesbury, para el que el ingenio es la piedra de toque de la verdad, o que el prejuicio más general, según el cual el ennoblecimiento moral es el fin supremo de las bellas artes. El ingenio es un fin en sí mismo, como la virtud, el amor y el arte. Este hombre genial sentía, según parece, el infinito valor del ingenio, y como la filosofía francesa no alcanza a comprender esto, buscó instintivamente enlazar su bien supremo con aquello que es, después de la felicidad, lo primero y más elevado. Y como máxima, el pensamiento según el cual el sabio debería encontrarse frente al destino siempre en état d'epigramme, es hermoso y auténticamente cínico. [destaque meu]

Em *O mundo como vontade e representação*, parte III, mais precisamente no parágrafo 36, Schopenhauer começa a falar das ciências e o que é comum a elas (matemática, morfologia, etiologia, enfim, ciências naturais). Ao entrar no âmbito da razão e suas “diversas configurações”, é da seguinte maneira que ele introduz a questão do gênio:

(...) Mas que espécie de conhecimento examinará então o que existe exterior e independente de toda relação, único propriamente essencial do mundo, o verdadeiro conteúdo de seus fenômenos, submetido a mudança alguma e por isto conhecido como igual verdade a qualquer momento, em uma palavra, as idéias, que constituem a objetividade imediata e adequada da coisa-em-si, da vontade? É A ARTE, A OBRA DO GÊNIO. [destaque meu] (Schopenhauer: 1997, 36)

e arremata em seguida

Ela reproduz as idéias eternas, apreendidas mediante pura contemplação, o essencial e permanente de todos os fenômenos do mundo, e conforme a matéria em que ela reproduz, se constitui em artes plásticas, poesia ou música. (idem, 36)

Para ser mais preciso ainda, o filósofo compara o gênio ao homem comum:

Enquanto o homem comum, completamente preenchido e satisfeito pelo presente ordinário, nele é absorvido, e encontrado por toda parte seus semelhantes possui no dia-a-dia aquele conforto, que é recusado ao gênio. (idem, 37)

Daí, Schopenhauer caracteriza o gênio:

O gênio, contudo, cuja faculdade de conhecimento, dado seu sobrepeso, se subtrai por uma parte de seu tempo, ao serviço de sua vontade, perseverando na contemplação da própria vida, ambicionando apreender a idéia de todas as coisas, e não suas relações com outras coisas; destarte descuidando freqüentemente da observação de seu próprio caminho na vida, que percorre na maioria dos casos com suficiente inabilidade. ENQUANTO PARA O HOMEM COMUM SUA FACULDADE DE CONHECER É A LANTERNA QUE ILUMINA SEU CAMINHO, PARA O GÊNIO ELA É O SOL QUE REVELA O MUNDO. [destaque meu] (idem, 39).

Em *O mundo como vontade e representação*, ainda é dito que

O gênio possui diante deles [todos os homens] somente o grau muito superior e a persistência maior deste modo de conhecimento, vantagem que lhe garante a reflexão requerida para reproduzir, numa obra arbitrária, o assim conhecido, reprodução que é a obra de arte. (idem, 45)

Schopenhauer, a respeito da “sabedoria da vida”, fala das pessoas que acumulam riquezas materiais e, com isto, pensam também acumularem alegrias, ou seja, ficando ricas, pensam poder realizar suas vontades. Mas, para o filósofo, não é a riqueza o Caminho, mas a sabedoria. A busca da cultura é que proporcionará a felicidade. E esta se dá principalmente com a leitura de livros, e livros filosóficos: “Só dos próprios autores podemos receber pensamentos filosóficos: portanto, quem se sentir atraído para a filosofia deverá procurar seus imortais ensinadores no tranqüilo santuário de suas obras” (Durant: 2000, 313). Nas palavras de Durant, “o homem, de maneira geral, é

em sua maioria vontade e pouco conhecimento; o gênio é, em sua maioria, conhecimento e pouca vontade” (idem, 314). Para Schopenhauer, “o gênio consiste no seguinte: a faculdade de saber recebeu um desenvolvimento consideravelmente maior do que o serviço da vontade exige” (idem, 314); ou “a condição fundamental do gênio é uma predominância anormal da sensibilidade e da irritabilidade sobre o poder reprodutor” (idem, 214). Durant conclui que vem daí a inimizade entre o gênio e a mulher, pois esta é a representação da reprodução e submissão do intelecto à vontade de viver. Schopenhauer diz: “As mulheres têm um grande talento, mas nenhum gênio, porque continuam sempre subjetivas” (idem, 214). Mais precisamente, o gênio, para Schopenhauer:

é simplesmente a mais completa objetividade — isto é, a tendência objetiva da mente. (...) O gênio é o poder de esconder inteiramente os próprios interesses, desejos e metas, de renunciar inteiramente à própria personalidade durante algum tempo, a fim de continuar sendo puro sujeito que sabe, visão clara do mundo. (...) Portanto, a expressão de gênio em um rosto consiste no seguinte: nela é visível uma decidida predominância do conhecimento sobre a vontade. Nas fisionomias comuns há uma predominante expressão de vontade, e vemos que o conhecimento só entra em atividade sob o impulso da vontade, sendo dirigido meramente por motivos de interesse e vantagem pessoais. (Durant: 2000, 314)

ou

o gênio ergue para nós o espelho mágico no qual tudo aquilo que é essencial e importante nos é mostrado, reunido e colocado com a maior clareza, e aquilo que é acidental e estranho é deixado de fora. (idem, 314)

O segredo do gênio estaria na percepção do objetivo, do essencial e do universal, clara e imparcialmente. O gênio seria então um tipo de *gauche* no mundo [não necessariamente com Drummond], inadaptado a um mundo de atividade voluntariosa, prática e pessoal. O gênio, para Schopenhauer, é insociável; pensa no fundamental, no universal e no eterno, enquanto os outros estariam pensando no

temporário, no específico e no imediato. “Em geral, o homem só é sociável na medida em que for intelectualmente pobre e ordinariamente vulgar” (Durant: 2000, 315). Assim, o gênio tenderia forçosamente ao isolamento e, em algumas situações, à loucura.

Esta conceituação está bem próxima ao exposto anteriormente por Hegel, quando este diz que o gênio

tem de ser definido com alguma precisão, pois gênio é um termo muito geral que não se aplica apenas aos artistas, mas também aos grandes guerreiros, aos reis e aos heróis da ciência. [grifo meu] (Hegel: s/d, 274)

O gênio em Nietzsche

Para bons garimpadores de conceitos e definições, Nietzsche é, sem dúvida nenhuma, um ótimo fornecedor deles. Transitando por praticamente todas as áreas tratadas pelos filósofos que o precederam, e indo além, ao levantar questões no século XIX que durante todo o século XX — e entrando no XXI — ainda intrigam as mais argutas mentes, criador e adepto do que ele próprio convencionou chamar “o filosofar com o martelo”. Ele demoliu praticamente tudo que criou, para, como uma Fênix, renascer e originar uma outra forma de pensamento. Torna-se difícil, em alguns casos, ajustar uma imagem precisa nesse mosaico de idéias que é o pensamento de Nietzsche. Ainda assim, tentemos.

Fazendo o percurso inverso, buscamos o que seria o gênio para Nietzsche nos seus fragmentos, escritos bem mais extensos do que as obras consagradas do filósofo: “O que é gênio? Quer um objetivo elevado e os meios para tanto” (Nietzsche: 2004, 265). Ou “será que viveu alguma vez um ser-acima-do-humano?” (idem, 291).

No livro intitulado *Humano, demasiado humano*, no capítulo IV, ele trata “Da alma dos artistas e escritores”, e a introdução do parágrafo 162 refere-se ao culto do gênio por vaidade:

Porque pensamos bem de nós, mas no entanto esperamos de nós que possamos alguma vez fazer o esboço de uma pintura de Rafael ou uma cena tal como a de um drama de Shakespeare, persuadimo-nos de que a faculdade para isso é maravilhosa acima de todas as medidas, um raríssimo acaso, ou, se ainda temos sentimento religioso, uma graça do alto. Assim, nossa vaidade, nosso amor-próprio, propiciam o culto do gênio: pois somente quando este é pensado longe de nós, como um miraculum, ele não fere (...). (Nietzsche: 1983, 104).

O gênio é também, para Nietzsche, um aprendiz, que nada faz senão “pôr, edificar e modelar pedras”. E justifica a introdução do parágrafo:

Toda atividade do homem é complicada até o miraculoso, não somente a do gênio: mas nenhuma é um “milagre”. — De onde então a crença de que somente em artistas, oradores e filósofos há gênio? de que somente eles têm “intuição”? (...) Os homens, evidentemente, só falam do gênio ali onde os efeitos do grande intelecto lhes são mais agradáveis, e eles, por sua vez, não querem sentir inveja. Denominar alguém “divino” quer dizer: “aqui não precisamos rivalizar”. (Nietzsche: 1983, 105)

No parágrafo 235 de *Humano, demasiado humano*, ao tratar, no capítulo V, dos “Sinais de cultura superior e inferior”, Nietzsche o inicia da seguinte forma:

Gênio e Estado ideal em contradição — Os socialistas desejam instaurar um bom-viver para o maior número possível. Se a pátria duradoura desse bem-viver, o Estado perfeito, fosse efetivamente alcançada, então, por esse bem-viver, o chão de que cresce o grande intelecto, e em geral o indivíduo forte, estaria destruído: refiro-me à grande energia. A humanidade se teria tornado demasiado débil, se esse Estado tivesse sido alcançado, para poder ainda gerar o gênio. (Nietzsche: 1983, 105)

Ou seja, um mundo perfeito — também para os socialistas — não mais poderia gerar o gênio.

Poderíamos ainda citar inúmeras passagens da obra de Nietzsche a respeito do gênio. No entanto, encerramos este nosso “mosaico de citações” com um fragmento de *Aurora*, no qual ele fala do “extravio moral do gênio”:

53 6. O extravio moral do gênio — Numa certa categoria de grandes espíritos, podemos observar um espetáculo penoso e até certo ponto horrível: os seus momentos mais fecundos, os seus vôos em direção aos cumes e às regiões mais distantes parecem não estar adaptados ao conjunto de sua constituição e ultrapassar as suas forças, residindo aí uma constante deficiência e, com o tempo, um defeito da máquina, que por seu lado, nas naturezas de uma tão alta intelectualidade, se traduz em todas as espécies de sintomas morais e intelectuais, muito mais do que em misérias físicas. Assim, o que há neles de inexplicavelmente ansioso, vaidoso, odioso, invejoso, constrangido e constrangedor e que brota subitamente para o exterior, todo o lado excessivamente pessoal, a falta de liberdade em naturezas como as de Rousseau e de Schopenhauer, podiam muito bem ser a seqüência de uma periódica doença do coração, sendo esta por seu turno, conseqüência de uma doença nervosa, e esta última conseqüência de... Na medida em que gênios nos habitam, somos cheios de intrepidez, como loucos e não ligamos à vida, à saúde, à honra; sulcamos o dia num vôo mais livre que o da águia, e na escuridão estamos mais seguros do que o mocho. Mas o gênio abandona-nos subitamente, e não menos subitamente, um enorme cansaço abate-se sobre nós: já não nos compreendemos, sofremos com tudo o que não vivemos, estamos como no meio de rochedos nus, perante a tempestade, e ao mesmo tempo somos como lamentosas almas de criança que temem qualquer ruído ou sombra. — Três quartos do mal cometido no mundo acontecem por cansaço, e este é, antes de mais, um processo fisiológico. (Nietzsche: s.d., 232-3)

(In)Conclusão

Fazer conclusões é sempre muito arriscado, pois tende a delimitar — e muito — o tema tratado. A conclusão, quando se trata da questão do gênio, torna-se ainda mais difícil: como chegar à uma conclusão de algo até hoje inconcluso? Ou, em outras palavras, como tentar conceituar algo que, a rigor, não tem conceito?

Sendo assim, esta (pseudo) conclusão nada terá de original nem genial, até por que não é feita por um gênio. Trarei, sempre que for adequado, alguns questionamentos levantados durante as aulas do professor Flávio Kothe, “Cidade e Estética”, na Universidade de Brasília durante o segundo semestre de 2004.

Inicialmente foi pensando em se fazer “apenas” uma caracterização do que seria o gênio para e em Kant e Nietzsche. Logo de início tal ‘empreitada’ tornou-se insuficiente, visto que não é possível deixar de fora, entre inúmeros pensadores que tocaram em tal ponto, as figuras de Hegel e Schopenhauer. Sendo assim, este trabalho foi/é a modesta tentativa de equiparar os gênios desses filósofos (implicitamente também levando em conta a ambigüidade desta última frase).

Na tentativa de conceituar o que em princípio não se consegue, faremos o que Kant chama de “conceito virtual”. Como ponto de partida para nosso “questionamento”, trouxemos a figura de Platão. Para este, o gênio se expressa na “doutrina da inspiração como loucura divina”. O gênio é, então, como que “tomado”, “possuído” por algum tipo de entidade, como bem falou Sócrates a Íon. Imediatamente a seguir, Aristóteles fala não de uma “loucura”, mas de uma capacidade inventiva. Seria esta a doutrina do gênio em Aristóteles. Posteriormente, Genet, já na Idade Média, refere-se ao gênio como “equivalente à individualidade”. Todos estes questionamentos anteriores a Kant.

Para o filósofo de Koenigsberg, gênio é aquele que tem um “talento natural” e uma “disposição inata” por meio do qual “a natureza dá regras à arte”, tendo como constituintes da mente do gênio a imaginação e o entendimento. Se fosse para traduzirmos o que é o gênio para Kant — e de uma maneira bem simplória — em uma palavra, poderíamos dizer “talento”. Ou seja, a capacidade de criar algo totalmente novo e fora de qualquer regra anterior.

Para Kant, são os gênios que propiciam (ou criam) a bela-arte, pois só eles têm o talento, o dom natural para isso. E mais: como a arte só é possível a partir de determinadas regras, é o gênio quem as define a fim de alçar uma obra qualquer ao status de arte. O gênio é

portador de uma capacidade inata voltada para a arte, e não para as ciências, e o faz por meio de uma relação “mental” de imaginação e entendimento. Ele, ao criar as regras para a arte, ao invés de somente imitá-las (pois é um criador original), também cria um produto cuja finalidade não fora especificada, ou seja, o resultado final, o conceito final, é totalmente original, não encontrado em conceitos científicos ou imitações mecânicas. Enfim, o gênio para Kant é o talento natural que dá a regra à arte.

Hegel estende “seu gênio” a várias categorias, e não somente aos artistas; há genialidade em grandes guerreiros, reis e heróis da ciência, ampliando, assim, o conceito de gênio em Kant. O verdadeiro gênio transcende os limites do possível e do “conhecível” (para criarmos um neologismo); vai além do limite do estabelecido, diferenciando-o do meramente “talentoso”, que fica restrito ao que é limitado e conhecido. E o gênio está sempre sozinho e isolado para “exercer” ou “praticar” a sua intuição genial. Ao contrário, até certo ponto, de Schlegel, que no fragmento 9, diz

*El ingenio (Witz) es un espíritu incondicionalmente sociable,
o genialidad fragmentaria.*

Schopenhauer, assim como Hegel, também faz uma distinção entre talento e gênio, além da distinção — evidente — entre o gênio e o homem comum, pois aquele consegue perceber a realidade externa do sujeito. Para o filósofo, a arte é a obra do gênio. Este é “o próprio sol que ilumina e revela o mundo”, ao contrário do homem comum, que porta apenas “a lanterna que ilumina seu caminho”, para usar uma metáfora dele. O gênio é “fundamental, universal e eterno”, enquanto os demais, os homens comuns, estariam presos ao “temporário, ao específico e ao imediato”. Podemos dizer que o gênio para Schopenhauer é basicamente o filósofo, cuja predominância do conhecimento prepondera sobre a vontade. Por serem mais objetivos, os gênios diferem das mulhe-

res, dotadas de grande capacidade subjetiva, e não podemos ter, na concepção de Schopenhauer, uma mulher gênio.

Chama a atenção, assim como em Hegel, o fato de Schopenhauer apontar o gênio com tendência ao isolamento, para, somente aí, criar a obra de arte. Noutros casos, segundo Schopenhauer, o gênio também tenderia à loucura (como Nietzsche, grande candidato ao posto de gênio).

Muito do que Nietzsche falou a respeito do gênio está em seus escritos publicados postumamente, e que, no caso do Brasil, ainda não temos a íntegra desses textos traduzidos.³ Rosa Maria Dias, em Nietzsche educador, dá algumas pistas elucidativas do que seria o gênio em e para o autor de *Aurora*:

(...) O gênio é a grande natureza contemplativa armada para a criação eterna. A extensão da alma, a força da imaginação, a atividade do espírito, a abundância e a irregularidade das emoções — tudo isso compõe o caráter do gênio. É sensível a todas as formas de expressão da natureza. A floresta, o rochedo, a tempestade e o sol, a flor solitária e o murmúrio das águas vêm ao seu encontro e falam sua língua. (Dias: 1993, 81)

Ora, aí, temos, em Nietzsche, a união do que seria o gênio em e para Kant: a relação com a natureza — relação natural que dá à arte a regra (Kant). Ou ainda, nas palavras de Rosa Dias:

O nascimento do gênio não depende da cultura: é uma dádiva da natureza, mas “foi amadurecido e nutrido no seio materno da cultura de um povo — enquanto, sem esta prática que o protege e o aquece, ele estará na impossibilidade de desdobrar suas asas para seu vôo eterno”. (idem)

Ou ainda

O percurso do gênio é sempre penoso e solitário. Por ser original, isto é, ver sempre as coisas pela primeira vez, é vítima de uma série de mal entendidos. Enquanto os homens comuns e os eruditos se preocupam com o esquadramento do que é útil e chamam a isso de cultura geral, o gênio está além das motivações interesseiras e interessadas e tem uma visão de conjunto do conhecimento da vida. É um “homem-destino”, um instrumento do fundo criador da vida, investido de uma visão cósmica de conservar a vida e fazê-la frutificar. Ultrapassa a compreensão, mas não a percepção, dos homens. (ibidem)

Temos aí, em partes, o “filósofo” de Schopenhauer, aquele ser cuja percepção se volta pra o objetivo, o essencial e o universal e com propensão ao isolamento e à loucura (“vítima de mal entendidos”). Mas é preciso ter cuidado com essa suposta aproximação ou “filiação” do pensamento de Nietzsche a Kant e Schopenhauer. É o próprio Nietzsche que pondera:

É preciso prestar atenção nos filósofos: um nojo qualquer, um estar saturado está subjacente, p. ex. em Kant Schopenhauer hindus. Ou: uma vontade de dominar como em Platão. (Nietzsche: 2004, 265)

Ele se aproxima e ao mesmo tempo afasta-se do pensamento de outros filósofos. É bem possível que o gênio Nietzsche se confunda, ou melhor, se complemente com o que seria, para ele, o herói, o ser-acima-do-humano (na tradução de Kothe para o corrente super-homem em português) ou o próprio Zaratustra.

Nada nos desabona a ver em Nietzsche o próprio “gênio extraviado”, seja da moral ou de qualquer outro aspecto humano. Ele encarna precisamente a figura do gênio “pintada” por Schopenhauer: filósofo, simbiose de conhecimento e vontade, aquele que renuncia “inteiramente à própria personalidade durante algum tempo”, com tendências ao isolamento e à loucura, pois bem sabemos o fim que teve. E, nas suas próprias palavras:

Mal-entendido da minha juventude: eu ainda não havia me livrado inteiramente da metafísica — mas a mais profunda necessidade de uma outra imagem do ser humano. No lugar da pecaminosidade vivenciei um fenômeno muito mais pleno — percebi a pobreza em toda a satisfação moderna.

“trazer à luz todo o falso nas coisas, p. 49 — eu como sério continuador do pessimismo schopenhauriano (Nietzsche: fragmento 27(78), inédito)

Sem desmerecer as considerações de Kant e de Schopenhauer, é em Nietzsche, provavelmente, que encontramos uma maior contundência de definição do gênio no âmbito da filosofia. Aliás, é também provavelmente em Nietzsche que há maior contundência nas questões filosóficas dos últimos séculos e filósofos. Para este, o gênio é um “ser-acima-do-humano”, um “querer um objetivo elevado”. Neste caso, o gênio teria como inimigo ele mesmo, embora também exista sempre uma tendência muito forte em massacrá-lo pela maioria das pessoas, justamente por ser o gênio aquele que, nos termos de Hegel, vai além de tudo que já foi feito. O gênio é, para Nietzsche, aquele que primeiro critica, desconstrói, para, a partir daí, gerar o produto de sua genialidade. Em suma: é o niilista ativo de Nietzsche.

Neste sentido, a obra de arte é o produto, a criação da genialidade do gênio, pois todo gênio é necessariamente criativo (depois de ser destrutivo, mas esta destruição é a daquilo que está estabelecido, só a partir disto que o gênio cria). Mas nem todo criativo é gênio.

Implícita a toda a problemática da conceituação do gênio que vimos até agora, está outra questão primordial, que é a da liberdade, inclusive para Schlegel (“o gênio como fruto da liberdade”). Só aquele capaz de ser totalmente livre (o universal, eterno de Schopenhauer, por exemplo) consegue ter as características elencadas para criar a obra de arte (ou outro fruto qualquer da genialidade, o novo). Não é à toa que todos os gênios são, nas suas capacidades criativas, livres (ou talvez sozinhos, isolados, para Hegel e Schopenhauer). E como dizer o que é ser livre, o

que é a liberdade? E livre do quê? Antes de tentarmos entender o gênio, faz-se necessário entender o que é a liberdade. E não são poucas páginas (como estas) que darão conta de resolvê-lo, se há mais de dois mil anos o homem ainda se vê com problemas em relação à liberdade. “Quem é livre?” Esta pergunta poderia ser o ponto de partida para se pensar, bem mais à frente, o que é o gênio. Poucos chegaram perto dessa liberdade, mas também pagaram um preço muito alto por isso. Vide o exemplo de Nietzsche, que teve a liberdade de pensar, mas também esteve no limiar entre a genialidade e a loucura (talvez uma seja complemento da outra, em maior ou menor grau). Nos dizeres de Durant, falando de Nietzsche: “Raramente um homem pagou um preço tão alto pelo gênio” (Durant: 2000, 410).

Schlegel é mais incisivo, no fragmento 90:

El ingenio es una explosión de espíritu latente.

Ou, no fragmento 126:

Os romanos sabiam que o engenho é uma faculdade profética;
chamaram-no de nariz.⁴

Referências bibliográficas

- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 1993.
- DURANT, Will. *A história da filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 2000. Coleção Os Pensadores.
- HEGEL, F. *Curso de Estética – O Belo na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *Estética. O belo artístico ou o ideal*. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, s/d. Coleção Os Pensadores.
- KANT, Immanuel. *Textos selecionados*. Traduções de Tania Maria Bernkopf, Paulo Quintela, Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores, v. II.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos do espólio*. Seleção, tradução e prefácio de Flávio Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- _____. *Obras incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.
- _____. *Aurora*. s/l. Livros Rés, s.d.
- _____. *Fragmentos: 27: Verão — Outono de 1884*. Tradução de Flávio Kothe. Inédito.

PLATÃO. *Íon*. <http://www.consciencia.org/antiga/plaion.shtml> . Acesso em 5/03/2006
SCHLEGEL, Friedrich. *Fragmentos del Lyceum* (1797). Em mateu.cabot.eresmas.net/schlegel.pdf Acesso em 20/05/2006.
SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. São Paulo: Abril Cultural, 1997. Coleção *Os Pensadores*.

Notas

- 1 Ou “Como vontade e idéia” em algumas traduções.
- 2 *Fragmentos del Liceum*. Texto extraído da internet, conf. bibliografia.
- 3 Carência que vem sendo sanada pelo professor Flávio Kothe, da UnB, que já traduziu e publicou dois volumes, de um total estimando em cinco, desses textos “fragmentários” de Nietzsche.
- 4 Los romanos sabían que el ingenio es una facultad profética; lo llamaron nariz.